



3115 - Trabalho Completo - 2ª Reunião Científica Regional Norte da ANPEd (2018)
GT 18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultos

A escola no contexto carcerário: desvelando a realidade da educação escolar no Instituto Socioeducativo a partir do olhar dos docentes e jovens em privação de liberdade
Carlos Augusto de Santana Sobral - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

RESUMO

O presente texto nos levar a refletir sobre a escola no interior da Instituição Socioeducativa, buscando compreender qual a visão dos jovens internos e professores a respeito da instituição escolar no contexto de privação de liberdade. Trata-se de parte da pesquisa etnográfica realizada em 2015 intitulada *A Educação Escolar no Instituto Socioeducativo de Cruzeiro do Sul: Perspectivas dos profissionais e atendidos pela Intuição* onde fiquei aproximadamente 6 meses observando a rotina dos jovens internos e dos professores em sala de aula. Foram utilizadas como procedimentos metodológicos para coleta de dados a observação, conversas informais, diário de campo e entrevistas. A análise dos dados nos apontou que muitos professores “caem de paraquedas” nessas instituição sem ao menos terem uma formação ou conhecimento prévio do espaço hostil onde vão exercer sua profissão, levando muitos a desistirem do trabalho, quando não, cristalizam suas práticas docentes influenciadas por valores institucionais, voltados para a disciplina, coerção e hierarquia. Diante disso, acreditamos que a educação escolar dentro do cárcere, deve ser melhor planejada e os docentes devem ter uma formação continuada voltada para esse contexto.

Palavras-chave: Escola. Instituto Socioeducativo. Jovens

A escola no contexto carcerário: desvelando a realidade da educação escolar no Instituto Socioeducativo a partir do olhar dos docentes e jovens em privação de liberdade

RESUMO

O presente texto tem a intenção de nos levar a refletir sobre a escola no interior da Instituição Socioeducativa, buscando compreender qual a visão dos jovens internos e professores a respeito da instituição escolar no contexto de privação de liberdade. Trata-se de parte da pesquisa etnográfica realizada em 2015 intitulada *A Educação Escolar no Instituto Socioeducativo de Cruzeiro do Sul: Perspectivas dos profissionais e atendidos pela Intuição*, onde fiquei aproximadamente 6 meses, observando a rotina dos jovens internos e dos professores em sala de aula. Foram utilizadas como procedimentos metodológicos para coleta de dados a observação, conversas informais, diário de campo e entrevistas. A análise dos dados obtidos, com base em referências de autores envolvidos com a temática escola no cárcere, nos apontou que muitos professores “caem de paraquedas” nessas instituição sem ao menos terem uma formação ou conhecimento prévio do espaço hostil onde vão exercer sua profissão, levando muitos a desistirem do trabalho, quando não, cristalizam suas práticas docentes influenciadas por valores institucionais, voltados para a disciplina, coerção e hierarquia. Comprendemos que a Educação é um direito, e não uma regalia dentro dessas instituições que “acolhem” os jovens que cometem uma contravenção. Diante disso, acreditamos que a educação tem um papel fundamental para ressocializar esses jovens e devolve-los para a sociedade. Portanto, a educação escolar dentro do cárcere, deve ser melhor planejada e os docentes devem ter uma formação continuada voltada para esse contexto.

Palavras-chave: Escola. Instituto Socioeducativo. Jovens

INTRODUÇÃO

O presente texto foi elaborado com o intuito de aprofundar os debates existentes sobre a especificidade da educação escolar no sistema carcerário, mostrando-nos que tais debates têm mostrado as dificuldades de desenvolver um programa de educação efetiva, caso este esteja ligado ao esquema disciplinar imposto pela instituição, com caráter extremamente rígido.

Trabalhando a 10 anos no sistema carcerário, foi com os estudos no curso de pedagogia que percebi que a educação no contexto prisional, além de um direito, é uma ferramenta valiosa para mudar o roteiro da vida desses jovens privados de liberdade. Mas não podemos falar em uma educação escolar qualquer, mas sim uma educação contextualizada voltada para a ressocialização. Uma educação que emancipe o indivíduo, que o faça se reconhecer como sujeito de sua própria história, que coloque o jovem como ser ativo no processo de aprendizagem, assim se contrapondo a educação arraigadas de interesses domesticadores e autoritários. Para Freire (1995):

Isto não significa, porém, que a educação autoritária, domesticadora, seja irresponsável. Ela é também responsável, mas a sua é uma responsabilidade em relação aos interesses dos grupos e das classes dominantes, enquanto a responsabilidade na prática educativa libertadora está em relação com a natureza humana fazendo-se e refazendo-se na História. Está em relação com a vocação ontológica dos seres humanos para a humanização que os insere na luta permanente no sentido de superar a possibilidade, histórica também, da desumanização, como distorção daquela vocação. Há uma qualidade diferente nas duas formas de ser responsáveis, de entender e assumir a responsabilidade. Em outras palavras, a responsabilidade na prática educativa domesticadora exige de seus agentes competência científica e astúcia política tanto quanto educadoras e educadores progressistas necessitam de conhecer o que e como fazer ao lado da perspicácia política. (FREIRE, 1995, p.44)

A escola é um texto escrito por vários autores, e sua leitura pressupõe entendimento de conexões com a sociedade e seu próprio interior. Portanto, a identidade da escola, suas intencionalidades é tarefa dos educadores, que devem estar presentes em qualquer espaço educativo.

Para Onofre (2011, p.3), a escola é uma instituição geradora de interações entre os indivíduos, recompõe identidades, valoriza a cultura marginalizadas, promove a construção de redes afetivas, além de permitir (re)conquistar a cidadania.

Segundo Charlot (2013, p.62), a escola é uma instituição que se esforça em utilizar os meios mais eficazes para atingir os fins da educação perseguidos pela sociedade. Transmite aos indivíduos modelos elitizados de comportamento, isto é, modelos esquematizados que se diferenciam daqueles que os indivíduos constroem por meio do contato social direto. Dessa forma, a escola visa a uma transmissão mais eficaz das normas de comportamentos e das ideias sociopolíticas predominantes. A escola também desempenha seu papel político, ao passo que propaga uma educação que tem em si mesma um sentido político. Para Charlot, os grupos sociais e as classes sociais também procuram fazer da escola um instrumento de seus interesses e finalidades e, escoamento de suas ideias, tendo em vista a característica não estática dessa instituição. O Autor ainda enfatiza que não podemos ver a escola como criadora de ideologias das classes dominantes, esta é gerada pelas estruturas e pelas próprias relações sociais que adentram a instituição escolar. Para Charlot (2013) a escola reforça a ideologia dominante ao oferecer uma educação que desconsidera a realidade social (lutas de classes, as diversas culturas, o meio onde estão inserido).

Segundo Duarte (2013, p. 2), a educação oferecida no âmbito do contexto carcerário pode contribuir muito no processo de reinserção social dos jovens internos. Mas não se pode negar a especificidade desse público que não são jovens alunos de uma sala de aula tida como normal. É importante termos em mente que no instituto socioeducativo existe estruturas muito similares ao de um presídio, sendo assim, o aluno também é interno e as salas são semelhantes a celas. Dessa forma, as práticas dos docentes devem ser repensadas para esse contexto voltada para um educação emancipadora que ressocialize os jovens. Para isso o professor necessita ter pleno domínio de algumas teorias para embasar suas prática pedagógica. Assim, Pimenta (2006), afirma que:

O saber docente não é formado apenas da prática, sendo nutrido também pelas histórias da educação. Dessa forma, a teoria tem importância fundamental na formação dos docentes, pois dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si próprios como profissionais (...). A teoria é importante na formação docente, uma vez que, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vistas variados para uma ação contextualizada. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua formação docente, para neles intervir, transformando-os. (PIMENTA, 2006 p.24 -26).

É de suma importância que os professores tenham uma preparação voltada para esse contexto, onde eles vão se deparar com jovens dotados de sentidos e expectativas sobre seu futuro muito atrelado a criminalidade, violência e o descaso da sociedade.

Caminho percorrido: metodologia de trabalho e sujeitos da pesquisa

Frente as minhas observações como profissional da segurança pública e o conhecimento adquirido no curso de pedagogia, busquei fazer uma pesquisa sobre a prática pedagógica no cárcere, mais especificamente conhecer qual a visão dos profissionais envolvidos e dos jovens privados de liberdade em relação a prática dos professores, pois o universo carcerário e bem distinto do que vemos na sociedade, assim influenciando na ação do docente. O indivíduo encarcerado vive em outro mundo, tem outras condutas, tem outros hábitos. Como falei anteriormente, é uma atmosfera diferente das que conhecemos. Para Foucault (1987), as prisões são suplícios da mente, o que era antigamente suplícios corporais em praças públicas, hoje sendo substituídos pelas condições de diminuição de direitos, sobretudo os referentes à liberdade, o controle dos corpos e suas mentes, ou seja, passando o castigo à alma no interior das celas.

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo de sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não é mais o elemento constitutivo da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. Se a justiça ainda tiver que manipular e tocar o corpo dos justicáveis, tal se fará à distância, propriamente, segundo regras rígidas e visando a um objetivo bem mais 'elevado'. Por efeito dessa nova retenção, um exército inteiro de técnicos veio substituir o carrasco: os guardas, os médicos, os capelães, os psiquiatras, os psicólogos, os educadores (FOUCAULT, 1987, p.15).

Dadas as peculiaridades da pesquisa, utilizou-se a etnografia como metodologia de trabalho, entendida como a mais adequada para desvelar como é a escola dentro de um sistema carcerário e, a mais eficaz quando se pretende fazer a descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados).

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente, etnografia significa "descrição cultural". Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito do emprego dessas técnicas (MEDA, 1986, p.7)

Esse texto caminha na direção de trazer contribuições para o debate sobre o papel da escola no Instituto Socioeducativo, enfatizando a complexidade do trabalho docente e o desenvolvimento de saberes necessários para a prática do professor, destacando também a perspectiva e o sentido do jovem em situação de privação de liberdade e as características peculiares onde essa educação acontece (Instituto Socioeducativo).

A escola inserida no contexto carcerário

Segundo Onofre (2011, p.4), tomando como referência o espaço carcerário, é importante frisar que os professores passam por um processo similar aos dos jovens novatos no Instituto, quando lhe são passadas as "regras da casa" pela equipe gestora da instituição. Nesse momento o docente encara um mundo diferente, onde vai se deparar com dilemas em sua atuação, tendo que escolher entre o que deve ser feito para uma educação emancipadora e as circunstancia impostas pelo sistema.

Apesar da similaridade de um ambiente escolar dentro de uma Instituição do cárcere, os valores institucionais sempre estarão presentes, como salas de aulas dividindo espaço com as grades. A práticas pedagógicas, as dinâmicas em sala, a liberdade de interação dos internos sempre se esbarraram nesses valores, que podemos notar com mais nitidez, a ordem e a disciplina exacerbada. Foucault (1987) em sua obra diz que:

As disciplinas, organizando as "celas", os "lugares" e as "fileiras" criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de "quadros vivos" que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas. (FOUCAULT, p. 174)

O indivíduo privado de liberdade deve seguir ordens, não lá estão para fazer o que bem querem, toda a estrutura culmina para a disciplina. As rotinas são rigorosas, desde o café da manhã, até o dormir. Todo o horário é controlado, as saídas, o entretenimento, a escola, a assistência religiosa, tudo tem controle. Para Foucault (1987):

A prisão deve ser um aparelho disciplinar exaustivo. Em vários sentidos: deve tomar a seu cargo todos os aspectos do indivíduo, seu treinamento físico, sua aptidão para o trabalho, seu comportamento cotidiano, sua atitude moral, suas disposições; a prisão, muito mais que a escola, a oficina ou o exército, que implicam sempre numa certa especialização, é "onidisciplinar". Além disso a prisão é sem exterior nem lacuna; não se interrompe, a não ser depois de terminada totalmente sua tarefa; sua ação sobre o indivíduo deve ser ininterrupta: disciplina incessante. (FOUCAULT, p.264)

A fala de uma professora que trabalhou durante três anos no Instituto, demonstra que a aparência com os presídios é grande, e que pra ela foi um choque quando se deparou com tal realidade:

E assim, na expectativa que eu fui pra lá foi tão... nossa! traumatizante, porque eu estava com medo, você não deixa de ter medo, mas como era um desafio eu aceitei. E aí, quando eu cheguei lá foi nessa questão de personalidade mesmo, né! Profissionalmente falando, que eu fiz com que disfarcei muito bem, fiz com que as crianças se sentissem à vontade comigo. Já comecei ministrando as aulas como se não tivesse lá, porque tirei meu foco de lá, porque se eu fosse concentrar mesmo onde estava, não iria conseguir, não foi fácil não. Por que que não foi fácil? Porque no fundo no fundo eu sabia com quem estava lidando, tu sabe que aquelas crianças estavam lá no fundo porque fizeram besteira, né? Ali tinham de tudo, tudo o que todo mundo sabe, homicídio, assalto, e isso e aquilo.

Eles não têm muito contato com as pessoas, então ali naquele momento para eles é a hora mais maravilhosa, quando eles saem das celas, porque eles chamam lá que nem um presídio. O ISE não é considerado um presídio, ninguém fala que é, mas é. Se não fosse eles não usavam algemas e nem ficavam presos nas celas. Mas é um presídio sim! E eu não sabia que era daquela forma, eu achava que era exatamente como sistema que tenta mostrar pra sociedade, né? Que é um centro de reeducação e que eu achava na minha mente que os adolescentes circulavam normalmente, eram presos em ambiente, cercado e tal, mas que eles não viviam em celas. Mas eles vivem em celas e isso me chocou muito quando eu fui lá, mas tudo bem!

Percebemos pela fala da professora, que ela teve dificuldades no primeiro contato com o meio onde está inserida a escola, levando-nos a crer que não basta apenas recrutar professores, é preciso acima de tudo, terem uma formação complementar voltada para esse trabalho específico com fins de ressocializações, precisam estar motivados e também ter condições emocionais para lidar com a demanda dos jovens/internos. Assim, diante da complexidade de atuação docente nesse contexto, torna-se um ato de negligência, tanto para os jovens internos, como para os professores despreparados, delegar uma sala de aula nesse contexto para o docente sem as reais condições para o trabalho. Podemos retratar isso na entrevista feita com outra professora da Instituição:

Lá tem a Ala "B" e a Ala "A". Na "A" são considerados os que já estão mais educados, estão em um comportamento melhor. Os que ainda estão dando trabalho ficam na Ala "B", que são considerados os mais perigosos. E aí eu cheguei na sala um dia e estava faltando um menino. Ai eu ... "cadê o outro menino lá?" "Ah professora..." Aí todo mundo mudo, sabe o que é ninguém falar nada? Todo mundo triste, aconteceu lá tipo uma rebeliãozinha deles lá, uma revoltinha, e o garoto foi pra Ala "B", então ele regrediu. Nossa, nesse dia eu fiquei tão mal, tu sabe o que é tu ficar mal? Eu não consegui dar aula, de verdade. Por isso que tô te falando que nesse período eu me considerei..., hoje me avaliando, imatura profissionalmente porque aquilo me abalou e eu não consegui naquele momento ser parcial e não ligar, entendeu? Aí ... nossa! Foi uma coisa..., eu chorei, eu senti como se o meu trabalho não tivesse rendido nada, porque como eu trabalhava muito com essa questão do comportamento deles, e vê que num momento ou outro, quebrou meu trabalho, eu me frustrei, não pode acontecer, nós sabemos que nós como professores não podemos pensar dessa forma. Contribui sim, claro! Mas naquele momento ali parece que eu não era mais a professora, entende? Eu chorei, os meninos choraram, não teve aula. Acredita nisso?

No que se refere o ensino no contexto de privação de liberdade, a ressocialização é um grande desafio no ambiente carcerário, pois, além de preocupar-se com a educação escolar propriamente dita é preciso promover uma educação que contribua para a restauração da autoestima e para reintegração do indivíduo a sociedade.

Para isso Freire (1987), nos mostra que a prática pedagógica deve ter um viés humanizador e diálogo entre professor/aluno.

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora em que a liderança revolucionária, em lugar de sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como coisas, com eles estabelece uma relação dialógica, permanente. (FREIRE, 1987, p. 35).

Para Onofre (2011), os pressupostos metodológicos do programa de Educação Jovens e Adultos, com fundamentos na participação ativa dos alunos, tendo a confiança e o diálogo na construção do conhecimento, podem esvaziar-se de sentidos, se este tender a moldar o indivíduo aos valores disciplinar rígidos da instituição. "Há que se propor, portanto, que esse espaço seja humanizado e que se efetivem no seu interior, práticas sociais que tornem a prisão uma instituição educativa, na qual todos seus atores se coloquem como educadores." (ONOFRE, 2011, p.14)

Para os professores entrevistados, a grande maioria dos internos vão para as salas com o intuito de sair da realidade que vivem, pois na sala é um momento de socializarem entre si, associam esse momento a uma espécie de liberdade. Segundo a professora atuante na instituição:

O que eu percebia, é que eles iam pra sair das celas, copiavam, adoravam copiar, tudo que você copiava no quadro eles adoravam copiar, mais como uma forma de sair da realidade deles, mais uma forma de escapar do que eles vivem lá, não por interesse de aprender alguma coisa, isso é minha visão minha como professora. Alguns, você percebe que se interessam mais, como em qualquer outra sala de aula normal né, considerada normal. Mais alguns você via, eu via que eles não queriam mesmo e que aquilo ali de nada iria adiantar.

Segundo Onofre (2011, p. 9), existe entre os internos um sentimento de tempo perdido, que foram destruídos ou tirados de suas vidas quando estavam na sociedade. Podendo configurar esse sentimento como um dos motivos deles valorizarem a escola dentro da instituição. A volta a sala de aula oferece a eles a oportunidade de sair de seus "alojamentos", se distrair e ocupar suas mentes com coisas úteis, como se pode comprovar no depoimento dos jovens internos:

Olha a educação aqui é boa, lá fora não tinha muita vontade de estudar, mas aqui dentro estou começando a gostar. Quando estava lá fora roubava por diversão, muitas vezes roubava sandálias só pra fazer o mal, nem vendia e nem ficava, jogava fora, era só para fazer o mal mesmo. Morava com minha vó e não tinha hora de chegar em casa. Aqui eu tô vendo que o negócio não é bem assim, quero voltar a estudar, quero ter outra vida.

A aula é bacana não tenho nada a me queixar, lá fora desisti no poronga e aqui estou tendo a oportunidade de continuar meus estudos.

A aula é boa e estou aprendendo a cada dia mais, a aula é boa e também estou andando na palavra de Deus.

Muitos lá fora não tem oportunidade de estudar, o ensino é uma das coisas melhores que tem aqui dentro. Estraguei dois anos da minha vida por causas de má companhia.

Educação bacana, aprendi muitas coisas. Estou no PEEN e aprendi mais coisas aqui dentro que lá fora.

A educação dos jovens e sua relação com a escola, tem sido alvo de debates que tendem a cair em uma visão pessimista. Segundo Dayrell (2007, p.

Para a escola e seus profissionais, o problema situa-se na juventude, no seu pretense individualismo de caráter hedonista e irresponsável, dentre outros adjetivos, que estariam gerando desinteresse pela instituição escolar. Para os jovens, a escola se mostra distante de seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescentam na sua formação, tornando-se cada vez mais uma "obrigação" necessária, tendo em vista a necessidade do diplomas.

Dados como a desistência precoce do jovem da escola básica, e ou sua relação problemática com esta, podem ser interpretados como manifestações de uma crise na relação da juventude para com a escola? Os jovens ao se perguntarem sobre o propósito da intuição escolar, evidenciam o que a sociedade espera da escola e o que a escola tem sido capaz de oferecer? Essa situação parece piorar no ensino médio, que enfrenta grandes desafios. Um deles é a ampliação das matrículas a partir de 1990, ampliando a obrigatoriedade e gratuidade desse nível de ensino. A expansão da educação básica para as classes populares gerou alguns problemas, pois houve um aumento quantitativo, em contrapartida as intuições escolares não se preparam para receberem alunos tão heterogêneos (classe social, etnia, gênero, etc). Segundo Leão, Dayrell & Reis (2011, p.255), além dessa expansão quantitativa da educação básica, outro desafio enfrentado é a identidade do ensino médio, pois "há uma permanente tensão entre formação geral e/ou profissional, ensino propedêutico e/ou técnico que diz respeito a escola média como etapa final do ensino básico e sua relação com o mercado de trabalho, com o ensino superior". Os autores enfatizam a necessidade de desvelar o papel e sentidos atribuídos pelos jovens à escola, apontando para a discussão sobre as possíveis relações entre o projeto de vida dos jovens e a experiência escolar.

Com relação aos sentidos que os jovens dão a escola, é importante nos atentarmos aos depoimentos e suas expectativas com relação à escola e as melhorias, que esta pode ter em suas vidas. Como podemos perceber, eles sempre comparam a escola lá fora e seu tempo perdido por não frequentá-la. Isso é importante para nós educadores refletirmos sobre essa educação, não exaltando a educação na instituição, pelo contrário, é por causa dessa disciplina exacerbada e valores coercivos que fazem os jovens valorizarem o ensino quando estavam em liberdade.

Considerações finais

As reflexões desse texto, tiveram a intenção de contribuir para repensarmos a escola, e sobretudo a prática docente em um ambiente de privação de liberdade, onde deve ser vista como possibilidade em sua essência emancipadora, embora inserida em um ambiente caracterizado pela coerção, ordem e disciplina, com a finalidade de moldar os jovens aos valores institucionais. Portanto a prática educativa desenvolvida no contexto carcerário, em muitos momentos, observados no período da pesquisa, revelou-se práticas que desconsideravam os saberes e experiências dos jovens internos, com posturas dos professores que distanciavam os alunos e aulas pragmáticas com o uso excessivo do livro didático.

Para Onofre (2011, p. 23), a prática educacional que não respeita e nem valoriza a experiências e os saberes dos jovens internos, tende a reproduzir a mesma lógica dos sistemas que oprimem os marginalizados.

O próprio ambiente tende a influenciar nas práticas pedagógicas dos professores, que muitas vezes despreparados e sem uma formação específica acaba cedendo a práticas pragmáticas, que só tendem a reproduzir e não construir indivíduos autônomos que se reconhecessem como sujeitos de sua própria história.

A ressocialização é um grande desafio nas Instituições Socioeducativas, pois, além de preocupar-se com o saber propriamente, é preciso promover uma educação escolar que contribua para a restauração da autoestima e para reintegração do indivíduo a sociedade.

Este texto busca evidenciar que uma educação que pretende ser humanizadora e libertadora no contexto de privação de liberdade deve valorizar o sujeito como construtores de seu conhecimento, sempre mantendo uma relação dialógica para o estreitamento entre professor e aluno.

Referências Bibliográficas

ANDRE, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*, 1986.

CHARLOT, B. *A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*—ed. rev. e ampl.—São Paulo: Cortez, 2013

DAYRELL, J.T.; LEÃO, G.; BATISTA, J. *Juventude, pobreza e ações sócio-educativas no Brasil*. In: SPOSITO, M. (Org.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades das regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007

DUARTE, A.J.O *Revista Encontro de Pesquisa em Educação*, Uberaba, v. 1, n.1, p. 25-36, 2013.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Ed. *Vozes*. Petrópolis, 1987.

FREIRE, P. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1995.

ONOFRE, E.M.C. *A escola da prisão como espaço de dupla inclusão: no contexto e para além das grades*. Polyphonia. São Paulo, 2011.

PIMENTA, S. Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006.